

## O MOMBACEIRO

*Murilo Mota*

Deixei propositalmente que algum tempo se escoasse, antes de me lançar à composição destas letras. Era necessário que estivesse de espírito limpo, que as tristezas como o primeiro estupor já tivessem ido, para que pudesse sentar-me e relembrar aquele que a morte, ceifando pelo alto, colhera para o seu celeiro.

De Plácido Castelo o mínimo que posso dizer é que lhe devia muito. Mais que o amigo, que a sua maior idade não impedia de ser fraternal, foi-me na juventude o protetor, que deu o impulso decisivo a minha vida. Pois deu-me o trampolim.

A última vez que o vi foi à porta do Cartório João de Deus. A doença já devia andar a minar-lhe os pulmões, certamente enegrecidos dos cigarros que fumava a todo instante, aspirando profundamente a fumaça. De quem eu conheci, só César Campelo (que também morreria de câncer) fumava daquele jeito, retendo a fumaça inalada, para depois soltá-la devagar, juntamente com a fala. Deu-me um abraço tão apertado que lhe foi fácil levantar-me do chão e girar o meu corpo em torno do seu, como se faz nos impulsos da efusividade incontida. Seria a despedida do meio-irmão que foi de tanta gente?

A modéstia dele na solidão da aposentadoria, depois de haver encerrado a sua carreira política, sua vida tornou-se um trocar-de-pernas pelo centro da cidade, a espiar as vitrinas, principalmente das livrarias, a trocar cumprimentos com Deus e o mundo. Se tinha automóvel próprio, nunca o encontrei a guiá-lo, e muito menos de motorista a frente. Como governador é claro que não, mas bem pouco antes disso surpreendi-o a saltar de ônibus.

Tendo chegado à governança do Estado, nada mais quis ser. Havia obtido o que outros homens públicos de envergadura em nossa terra, a começar de seu chefe Olavo Oliveira, tanto tinham desejado e nunca obtiveram. O ex-ministro Armando Falcão, apesar de seu realce no plano federal, vai morrer com o desgosto de não haver governado o Ceará, que foi meta de suas mais caras ambições políticas.

O Senado tem sido o destino de governadores que enceram seus mandatos. Plácido poderia ter ido para lá. A Câmara Federal seria o menor de seus objetivos na oportunidade. Não quis nada. Serenamente, deixou que sua popularidade, tantos anos acumulada, se estiolasse, sem qualquer aproveitamento político.

A simplicidade (vi-o em Palácio, uma vez, a beber o seu café pelo pires) era o traço característico desse homem bom se a honestidade também não adornasse o seu espírito. Quando deixou a direção do IPEC, do qual foi o fundador, caiu em situação tão crítica, que se não fosse um amigo, que o levou a tentar uma sociedade comercial no Rio, teria sofrido sérios vexames com a família. Plácido comerciante! A firma tinha de ser um fracasso e foi.

Seria um dos últimos abencerragens da era de Menezes Pimentel, e o único talvez a ser distinguido pela Revolução, enquanto nela desabava a estrela de José Martins Rodrigues, que foi sempre um grande líder e o indisputado Condestável do Estado-Novo em nossa terra. Assinalo, a propósito, que a cassação dos direitos políticos desse inolvidável cearense, que a anistia não chegou a alcançar, foi um dos piores atos do movimento de março, um dos mais injustos e odiosos. Ele foi uma das mais completas vocações de homem público que jamais conheci. E a verdade é que não era de ficar em cima do muro.

O meu culto político no Ceará tem sido restrito a pouquíssima gente. Revejo de 45 para cá a farândula. A decepção que nos trouxe um Monte Arrais, um Beni Carvalho, um Júlio de Matos Ibiapina, os chamados "para-quedaístas" a descerem sobre o Ceará, em busca de posições políticas, sabe Deus a custa de quantos interesses do Estado! A vasa cresceria à medida que se aproximavam as primeiras eleições depois da reconstitucionalização do País.

Duvido que, em momento algum, se tenha visto Plácido Castelo envolvido nesse desembarcar de nosso espírito cívico. Ele sabia nadar apenas em águas claras e foi com a dignidade de sempre que respeitou o ostracismo, indo exercer car-

go relativamente modesto da administração estadual, que nem seu era.

Curioso. Para a projeção que teve em nosso Estado, saliente sob mais de um aspecto, pois se alongou no campo cultural, não se mostrava portador de talentos especiais. Escrevia apenas razoavelmente e como orador foi dos menos dotados que conheci em homem de seu gabarito na vida pública. A este último respeito é ilustrador fato de que dou testemunho. Tendo ido a Crato em caravana comandada por Assis Chateaubriand para a inauguração da “Rádio Araripe”, foi-lhe dada a palavra para encerrar o banquete festivo. Ao término deste, procurou-me: “Rapaz, o que foi que eu disse? Não me lembro de nada.” Mais tarde, com o tempo, viria a melhorar da oratória.

O seu forte — isto sim — era o de um conversador vivaz, que sabia dar interesse aos assuntos que abordava. Vinha do grupo das *Farpas*, que assinalou um dos mais destacados momentos da nossa história literária — e da geração de Paulo Sarasate, Filgueiras Lima, Perboyre e Silva, Raul Barbosa, Demócrito Rocha e Stênio Gomes, entre outros. Um título que ninguém lhe rouba é o de ter sido um dos pioneiros da educação agrícola no Ceará, com a criação da chamada “escola rural”. Ele tinha o espírito público no sangue.

Conheci Plácido Castelo desde que era criança, e ele começava a vida modestamente como professor do antigo Colégio Nogueira, na Rua General Sampaio. Já então revelava por mim sentimentos que nunca esmaeceriam pela vida afora, pois lembro-me bem que nos recreios brincava comigo, pondo-me nos joelhos como se faz a um filho.

Quando desejei casar, fui a sua casa, num começo de noite. Já então gozava de excelente posição como Presidente do IPEC, função equiparada à de Secretário de Estado. Estava de pijama, rodeado pela filharada, que era numerosa e cheia de ternura por ele. Fui franco: disse-lhe da minha urgente necessidade de um emprego. Ele foi mais franco ainda: respondeu-me que não tinha emprego algum a oferecer-me, pois o IPEC estava repleto. Daí a pouco que em todo caso eu passasse no dia seguinte na repartição. Dona Netinha estava a meu favor.

Não havia vaga mesmo no IPEC, e eu fiquei encostado a uma mesa, fazendo pequenos serviços eventuais. Como ganhasse pela verba de materiais, não assinava folhas de pagamento, mas recibos. O funcionário que entrava tão mo-

destamente, era depois aproveitado como Consultor Jurídico, e dali saíria como Presidente.

Depois, foi a Procuradoria Fiscal e os editoriais do *Correio*, que me ocupariam por mais de trinta anos. Dei nessas duas tarefas o melhor de mim para bem servir o Estado. Mas o trampolim de minha vida, como já deixei dito, foi o amparo que me deu Plácido Castelo, num momento de necessidade e de abandono.

Deus o tenha e guarde por isso, pois, apesar de nosso afastamento posterior, nunca parei de admirá-lo e, sobretudo, de querê-lo, como um dos melhores amigos que possuí.

Felizmente que o estádio que idealizou e começou a construir garantirá a perpetuidade de seu nome contra o esquecimento a que poderia relegá-lo a própria modéstia. Enquanto existir o "Castelão", existirá a lembrança viva de Plácido Aderaldo Castelo no seio do povo.

Dei a este artigo o título de "Mombaceiro" em homenagem aos filhos que, em pequenos, assim o chamavam carinhosamente, como mais de uma vez testemunhei em seu lar, quando lhe freqüentava a intimidade doméstica na casa da Rua J. da Penha. Acredito, aliás, que nada mais o agradaria que o reconhecimento de ter sido o filho mais ilustre de Mombaça.

Tão entranhado era o amor que dedicava aos seus pagos que não esqueceu, como historiador, a figura que, depois dele, era o filho mais notável do município, o Barão de São Leonardo, um sertanejo ricoço, que andou tomando parte em algumas revoluções. Plácido biografou-o.

(Transcrito do *O Povo* — 15/07/79)

\* \* \*

Santos, 28 de março de 1979.

Meu ilustre amigo Gen. Carlos Studart Filho:

Meus cumprimentos.

Recebi, hoje, e hoje mesmo li o valioso livro *Dados Bibliográficos do Escritor Carlos Studart Filho* que o Instituto do Ceará me enviou e aqui estou para agradecer à gentil remessa do aludido livro.

Foi uma grande alegria tomar conhecimento de tantos fatos relativos a sua eficiente vida de escritor: cada minuto

de sua vida foi aproveitado para prestar serviços à cultura. Em tudo e por tudo, o Sr. é um homem que fez, da cultura, o grande objetivo da sua vida, sem prejuízos das suas funções de médico militar, tantas vezes louvadas, em boletins de serviço, pelos seus superiores hierárquicos. Sua vida é o que se pode classificar de *uma grande vida*. O livro retrata não só a trajetória gloriosa percorrida pelo Sr., no decorrer dos seus 83 bem vividos anos, como transcreve a opinião de muitos dos seus admiradores, que não lhe negam elogios nem recusam as merecidas palmas. Parabéns: poucas pessoas podem se orgulhar de ter trabalhado tanto em prol da cultura e, também, da espécie humana. O livro, feito com um cuidado excepcional por três escritoras, é um registro definitivo, completo, perfeito. Raras vezes vi um trabalho biográfico elaborado com tanta meticulosidade. Valeu a pena publicar o livro, que, sem dúvida, servirá de modelo para a elaboração de muitas biografias pelo Brasil todo, tal a exatidão e cuidado com que os dados e as referências foram coligidas. Parabéns, mas parabéns mesmo!

Formulando, sempre, os melhores votos pela sua felicidade pessoal, aqui vai o meu melhor abraço.

Seu sempre amigo e admirador.

*Walter Waeny*

CARTA DO DR. JOSÉ GUIMARÃES DUQUE PARA O DR. JOSÉ PARSIFAL BARROSO; TRANSCRITA POR CONTER INFORMAÇÕES DE IMPORTÂNCIA HISTÓRICA SOBRE O PROBLEMA DAS SECAS.

Fortaleza, 19 de novembro de 1973.

Meu querido e eminente amigo Parsifal:

Recebi o seu amável cartão acompanhado do recorte do *Diário* contendo o seu brilhante discurso sobre a minha pessoa e a sua compreensão profunda dos problemas nordestinos.

Você me elevou a tão grande altura que tenho medo de cair. Receber elogios, no Plenário da Câmara, ditos por um Homem que já exerceu cargos de Senador, Ministro, Governador e é Deputado, é o máximo de enaltecimento muito além dos meus méritos. O que tenho eu para lhe agradecer? Nada. O que posso oferecer à sua personalidade plena de criatura humana, sensível, de chefe de família exemplar, de

cidadão correto e de profissional ilustrado? Nada. O muito obrigado vale muito pouco. Mas, eu sei, de longa data, que você vive semeando benefícios sem esperar recompensas. Eu o tenho acompanhado e admirado, presenteando flores e recebendo espinhos. O apanágio dos vultos superiores é olhar para o alto dos ideais nobres e esquecer as negações do mundo. A grandeza do Homem está na sua capacidade de suportar sofrimentos.

Você e eu temos muito de semelhante na maneira de sentir e de interpretar a vida. Eu me honro muito com essa "parecença", porque ela encerra uma nobreza de caráter.

Você percebe bem as minúcias da questão nordestina: 1) o povo vive do ambiente, porém não com ele; 2) as plantas estão ensinando o habitante a viver — "guarde as tuas reservas e sobreviverás às secas"; 3) gastamos longo tempo na captura de água e, agora, buscamos na industrialização a salvação total; 4) temos querido *tudo, muito e depressa*, desejando a riqueza fácil e, nesse afã, não enxergamos a "prata da casa, as xerófilas"; 5) não temos paciência com os estudos da Genética para provocar as mutações e as seleções vantajosas para as lavouras; 6) os administradores julgam que 5 a 10 anos de pesquisas demoram muito, mas olvidam que o período é um *nada* na Civilização nordestina.

As soluções rígidas das obras, das fábricas, dos transportes etc., urge antepor, para contrabalançar o equilíbrio, a influência decisiva da Biologia, da Ecologia, mais maleáveis e evolutivas. No passado, tentou-se modificar o meio físico para que ele se adaptasse à população. Embora tarde, tende-se para preparar e acomodar a população ao ambiente como ele é. As plantas xerófilas sobreviveram durante séculos, com 34 secas, porque elas gostam deste solo e deste céu como eles são. A lição não foi aproveitada.

Onde não chega a irrigação, lá nas extensas glebas improdutivas a solução está "nas teimosas da seca". Classificamos a seca como desgraça, porém eu penso que ela pode ser transformada em vantagem mediante as lavouras resistentes e o melhoramento dos pastos para produzirmos produtos ecologicamente privilegiados no H. Ocidental.

Como daremos mais empregos sem o cultivo das terras áridas? Se a indústria quer mais matérias-primas e se a irrigação deve produzir alimentos, então impõem-se as lavouras secas.

Rubens Costa, no seu valioso livro *O Primeiro Passo*, calcula que uma futura seca, semelhante à de 58, custaria ao Brasil cerca de 850 milhões de cruzeiros. Com muito menos

do que a quantia poderemos dar ao NE uma forma de lavoura de economia auto-sustentável para o setor primário. Os matutos não teriam de olhar para o céu ou de rezar para chover. Quando pudermos oferecer aos camponeses as sementes e as mudas selecionadas das xerófilas e um sistema de cultivo adequado a cada tipo de solo, nas diferentes Regiões Naturais, então cobriremos as terras ociosas com os arvoredos verdes, perenes, de safras garantidas. Mas, isso depende de criarmos um "ambiente compreensivo" entre os Administradores, os Técnicos, os Empresários e os rurícolas.

Se a Genética avançou tanto, se já existe o microscópio eletrônico desvendando os segredos das células, se a Ciência lançou o homem na Lua, se os agentes mutagênicos já são conhecidos, porque perdemos 40 anos no melhoramento das xerófilas?

Sem dúvida, o NE está progredindo muito, mais ainda há dois pontos fracos: desemprego e seca. Outras secas virão com cidades bonitas e flagelados nas ruas. Parece-me que há um aspecto da Agricultura que merece mais atenção e investimentos.

Parsifal, a carta está muito longa. Desculpe-me.  
Receba os agradecimentos e o abraço do amigo e admirador.

a) *J. G. Duque*